2.° Anno Lisboa, 24 de agosto de 1885 Numero 6

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; M. de Assumpção; Marcellino Mesquita; P. dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CLAUSTRO DOS JERONYMOS

CHRONICA

Muito calor e muita semsaboria:—o calor ardente e contumaz da Canicula, a semsaboria rebelde e desapiedada do costume, a que resiste com a tenacidade de uma frieira á idealisação de todos os passatempos e de todas as diversões indigenas.

Em todo o caso, para suavisar as ardencias da canicula temos ainda o gelo, o frigido manná celestial, tomado em pequeninas lascas transparentes, n'um copo d'agua bem crystallina e limpida, quando a agua em Lisboa não é uma figura de rhetorica e o sr. Pinto Coelho ha por bem decretar que nos não matem á sede summariamente.

A semsaboria é que não encontra remedio n'este longo periodo estupidissimo e monotono, que vae desde o encerramento de S. Carlos até á desfolha das acacias e ao cair das primeiras chuvas outonaes. O sujeito menos misanthropo tem a attracção do aborrecimento, como certos outros teem a attracção do abysmo; deixa-se arrastar para elle, n'um declive tortuoso, hypnotisado pelas visões demoradas do mesmo sol causticante com reflexos sanguineos como o olhar feroz d'um assassino brutal. E vae, e corre, e despenha-se irremediavelmente na voragem negra do tedio, embora lhe acenem de longe com a Pepa a *mascottear* em hespanhol meio avariado, e com o Maximino Fernandez a despedir-se de todos nós em portuguez macarronico.

E' que a influencia perniciosa d'agosto, d'este horrivel agosto que fabrica suicidios ás duzias e febres malignas aos centos, pode mais do que todas aquellas surprezas desopilantes.

A Pepa, devemos confessal-o, é gentilsita e appetitosa na sua magreza diaphana, na sua desenvoltura de *gamin*, no seu fiosinho de voz delgado e tenuissimo, que parece quebrar-se a cada instante, em meio d'umas *fiorituri* rendilhadas. O proprio Maximino não deixa de ter graça quando quer expellir da bocca muita aberta os *ãos* e os *ões* do nosso idioma arrevezado.

Mas a quadra não é de geito para nos enlevarmos com jubilo na graça d'um, nem para saborearmos deliciados a desenvoltura picante da outra. Ha qualquer coisa, mais forte do que nós, que nos tolhe a expansão das gargalhadas e dos arroubamentos. Se tentamos rir, o riso sáe-nos amarello e contrafeito dos labios, sem que o illuminem as scintillações d'uma alegria sentida e profunda.

Quem distilla suor e aborrecimento por todos os poros, não póde, decididamente, aceitar com prazer as diversões que para ahi nos offerecem, n'uns recintos abrasados, onde o verão assassino põe atmospheras d'estufa. O mais que faz é ver e ouvir, mas não se embriaga, não applaude, não gosa, não se enthusiasma. No melhor da festa, adormece entorpecido, n'uma attitude de frade capuchinho. Se, ao accordar, lhe cantam as coplas do *macacão,* sem colorido nem alma, voeja-lhe pelo espirito a saudade da Esther,—d'aquella desventurada rapariga que seria uma grande actriz em todos os theatros do mundo,—e essa viva saudade entristece-o ainda mais. Para não fazer confrontos, reclina outra vez a cabeça no espaldar do *fauteuil* e adormece de novo. O somno é o esquecimento.

Fallámos da Pepa e dos hespanhoes. E' que os hespanhoes foram o assumpto da semana,—os que se despediram com discurso rhetorico no Colyseo, e os que esfaquearam o proximo n'um Café Cantante da feira de Belem.

Aquelles, partiram já para longe de nós, deixando saudosa e triste a mocidade ardente das escolas superiores, que punha olhos esbraseados de cubiças juvenis no *corsage* da Paloma do *Barberillo*. Abandonaram-nos, cobertos de gloria e bafejados pela fortuna, exactamente quando ahi começavam a debuxar-se, sob a cupula zincada do Circo, ao som das *malagueñas* diabolicas, uns doces poemetos d'amor, deliciosos, regados com Champagne e beijos.

Foram-se todos, e todas, o que é peior ainda. Só nos ficou a Pepa, hespanhola como ellas, nascida sob o mesmo sol abrasador, mas hespanhola degenerada como um cacto formoso dos tropicos, que se transplantasse para os jardins do meio-dia.

A Niniche aventurosa e hysterica teve o estranho capricho de lançar um repto ás suas irmãs de Sevilha, qualquer d'ellas no pleno desabrochamento da mocidade e da belleza, uma e outra no pleno viço da formosura e do talento. Mas a pobre Niniche, estiolada n'este meio pequenino que atrophia as vocações mais promettedoras, não tendo já, nos meneios da sua cintura franzina, a graça adoravel dos requebros da andaluza, nem nos seus labios desbotados o *tic* sonoroso do idioma de Espronceda e a vòz quente e avelludada das compatriotas de Helena Sanz, achou que fôra leviana em lançar o desafio á Aponte, e ficou-se por cá, vivendo á sombra bemfazeja dos loiros conquistados durante uma carreira facil, sem orientação artistica nem estudo methodico, entre amigos propensos a applaudir, por indole, e thuribularios sempre dispostos a lisongear, por idiotismo.

Um conselho á gentil Pepa, se ella quizer escutal-o: estude ainda melhor o nosso idioma, com que tão facilmente se familiarisou desde creança, e esqueça-se de que nasceu hespanhola. Sobre tudo, nada de reptos ás suas collegas d'além-fronteiras. E' perigoso, e pode parecer immodesto...

Os hespanhoes do Café cantante de Belem, esses, podendo retirar-se para bem longe, sem deixarem saudades, continuam a grunhir *peteneras* chulas n'aquelle antro immundo, d'onde já sahio esfaqueado o Tinoco—o sympathico picador—e d'onde amanhã, quem sabe, sairão com as tripas de fóra todos os admiradores da Cuenca, uma bailarina aciganada, de seios fartos e lume no olho, que ali está fasendo larga colheita de sorrisos e de madrigaes, com *réclames* adjectivadas nas gazetas diarias.

E o caso é que, a despeito das facadas, a barraca regorgita á noite de curiosos. *Olé, olé* enthusiasticos fuzilam, como relampagos, das mezas para o tablado réles, onde a Cuenca pernêa diabolicamente. E os copos tilintam a miudo, pondo no ambiente uns fremitos de orgia barata, cujos eccos vão perder-se sob as arcarias rendilhadas dos Jeronymos. E as *malagueñas* das cantadeiras, com acompanhamento de viola, vibram, roufenhas, entre aquelles quatro pannos banaes, estonteando a multidão que applaude. Raparigas com as faces pintadas, vestidas de setim vermelho debruado a galão d'oiro, ateiam o delirio dos circumstantes, servindo rosalgar e vitriolo em arremedos de cognac. *Chulos* asquerosos, de cara escanhoada e calça justa, sapateiam como possessos, ou batem as palmas com força, n'uma cadencia indolente.

E o publico vae enojar-se diante dos *chulos*, envenenar-se com as drogas do Café, ouvir as *peteneras* aguardentadas das andaluzas, ver o sapateado da Cuenca, sujeitar-se a têr a sorte do Tinoco!

Aqui para nós, que ninguem nos ouve: até eu lá fui!...

CASIMIRO DANTAS.

A LINGUA UNIVERSAL

O nosso seculo, em que tantas obras colossaes se teem emprehendido, em que tantas empresas seriissimas se teem realisado, tem sido tambem o seculo das puerilidades. Hão-de acreditar que ainda hoje, em 1885, haja uns sabios, que o são deveras, que empreguem o seu tempo na fabricação de uma lingua universal? Pois ha. O sr. Kerschoff, professor da Escola dos altos estudos commerciaes de Paris, e o sr. Schleyer de Constança, empregaram vinte annos da sua vida em fabricar uma lingua universal, e estão muito satisfeitos com a sua descoberta, e encontram jornaes que os applaudem, subscriptores que os auxiliam, sociedades que se formam para os animar e para fazer a propaganda das suas ideias. A lingua chama-se *volapuk*, e o sr. Schleyer já publicou um diccionario volapuk-allemão, que encerra perto de vinte mil palavras, e uma grammatica tambem. Grammatica e diccionario já chegaram hoje á 4.ª edição; já ha cincoenta e tres sociedades propagandistas na Allemanha, na Austria, na Hollanda, na Suecia, nos Estados-Unidos, e até na Syria em Beyruth. Fizeram-se resumos da grammatica em latim, em todas as linguas da Europa, e até em chinez. E ha quem gaste o seu tempo com esta futilidade, e quem gaste o seu dinheiro, que tantas obras uteis debalde reclamam, em a espalhar por todo o mundo!

Mas, diz o leitor surprehendido, pois não é uma coisa excellente uma lingua universal, uma lingua que todos possam fallar e escrever? Ah! isso é, de certo. Ha susceptibilidades nacionaes, como dizem os defensores de *volapuk*, que impedem que uns povos acceitem como lingua do seu commercio e das suas relações a lingua de outro povo? Essas susceptibilidades continuam a subsistir. O inglez exige que o mundo inteiro aprenda a sua lingua para tratar com elle. Se conseguirem destruir esse preconceito, o inglez tão facilmente aprende o francez como o *volapuk*; porque o inglez não se recusa a fallar a lingua dos outros povos, porque não quer humilhar-se, recusa aprendel-a porque quer que os outros se humilhem. O inglez o e francez entendem, cada um pela sua parte, que o mundo inteiro tem obrigação de fallar inglez ou de fallar francez, e que elles é que não teem obrigação de se estar a incommodar a fallar a lingua dos outros. Desde o momento que transijam n'esse ponto, desde o momento que um francez, para ir a Hespanha, se resigne a aprender o volapuk, faz uma coisa muito mais simples: aprende o hespanhol. Logo que o inglez e principalmente o americano esteja disposto a consagrar uma parte do seu tempo a tornar-se senhor de uma lingua estrangeira para as suas relações commerciaes, não hesita nem um momento em aprender o francez ou o allemão.

Mas imagine-se que nada d'isto é assim, e que se torna indispensavel uma lingua universal que não seja nem o allemão, nem o francez, nem o inglez, nem o italiano. Pois muito bem! temos o latim.

O latim! exclama o leitor, mas o latim é uma lingua difficillima. Está enganado, o latim é a lingua mais facil d'este mundo. O que é difficil é o latim elegante, o latim litterario, o latim de Horacio, de Ovidio, de Tacito ou de Juvenal; mas o latim corrente, o latim que será ainda menos complicado que o de Sulpicio Severo, o latim que nem mesmo ouse dizer *Mundus a Domino constitutus est*, mas que diga logo *Mundus est constitutus a Domino*, é a lingua mais simples e mais facil d'este mundo.

O *volapuk* tem declinações como o latim, e os differentes casos formam-se com o nominativo, accrescentando-se-lhe as vogaes *a e u*. Assim, casa em *volapuk* é *dom*, da casa *doma*, á casa *dome* a casa (accusativo) *domi*. Não sabemos porque é que não ha nem vocativo, nem ablativo, pois este ultimo deve fazer falta.

Pois era muito melhor afinal de [illegible] ao velho *domus* latino.

Depois tambem não achamos mau, e isso prova realmente que são grandes philologos os taes senhores, fazer uma lingua, que deve ser muito facil e muito corrente, com declinações, quando as declinações cairam exactamente porque o povo que tinha de fallar o latim, e não de fazer periodos elegantes, começou a recorrer ás proposições exactamente para se fazer perceber melhor e mais completamente.

Uma coisa de que muito se ufanam os *volapukistas* é do seu systema numeral tão engenhoso, tão facil. Assim lemos em *volapuk*:

1—*Bal*
2—*Tel*
3—*Kil*
4—*Fol*
5—*Sul*
6—*Mel*
7—*Val*
8—*Zol*
9—*Zul*

Queremos agora saber como se diz os 20, 30, 40, 50, 60, 70 etc. Accrescentando um *s* a *um, a dois, a tres* etc. *Bal é um? Bals* é dez. *Tel* é dois? *Te's* é vinte; e assim successivamente.

Que vantagem tem isto? Trata-se de escrever? O mais simples é escrever sempre em algarismos, 2, 20, 200. Trata-se de fallar? Mais simples é decorar nomes que se assemelham áquelles que aprendemos em criança, como *triginta* que nos lembra a nós *trinta*, aos francezes *trente*, aos hespanhoes *treinta*, e mesmo aos inglezes *thirty*, do que decorar um nome inventado, que não tem relação alguma com os que já conhecemos, e para nos lembrarmos do qual precisamos de fazer uma longa operação mnemonica.

Como querem fazer tudo perfeitamente regrado e methodico, ficam os dois sabios muito satisfeitos por terem achado esta idéa das vogaes por sua ordem. Assim temos *lof*, que é amor, e *lofon* é amar. As pessoas dos diversos tempos designam-se por suffixos, e os proprios tempos por prefixos, sendo os prefixos as vogaes por sua ordem. Assim, temos o presente do indicativo do verbo *amar*:

Eu amo—*Lofob*
Tu amas—*Lofol*
Elle ama—*Lofom*
Nós amamos—*Lofobs*
Vos amais—*Lofols*
Elles amam—*Lofoms*

Seguem-se agora por sua ordem o preterito imperfeito com *a*, o preterito perfeito com *e*, mais que perfeito com *i*, futuro com *o*. Assim: Eu amava *alofob*, eu amei *elofob*, eu amára *ilofob*, eu amarei *olofob*, eu terei amado *ulofob*.

Em primeiro logar não deixa de ser profundamente comico o imaginarem estes dois caturras de Constança e da Escola dos altos estudos commerciaes, que haja alguem que se lembre de se amar.

Estamos a ver d'aqui sr. Schreyer e o sr. Kerochoff a combinar o vocabulario dos Romeus e Julietas do futuro, a pôrem por sua ordem um idyllio em volapuk! E imaginem agora um pobre rapaz muito atrapalhado aos pés de uma deidade a querer-lhe dizer que a ha-de amar, e a recorrer á sua mnemonica:

Elle (*alto*) Maria.

(*Mentalmente*) *a* imperfeito, *e* preterito perfeito, *i* mais que perfeito, *i* futuro.

(*Alto*) *olofob*.

(*Mentalmente*) tu é *ol*, vós é *ols*.

(*Alto*) *olofob ols*.

E, emfim, quando o nogocio aquecer um pouco mais, quando as vogaes se embrulharem na bocca dos namorados, quando o cerebro perturbado do Romeu já não atinar com a ordem dos perfeitos, e dos imperfeitos, e dos mais que perfeitos, que trapalhada de *olofobs*, e de *alofobs*, e de *ilofobs*, que já ninguem se entenderá, e ahi terão os namorados de enviar a toda a pressa, um telegramma ao sr. Schreyer, para saberem se o producto dos *fols* não mudará de valor, alterando-se a ordem das vogaes prefixas.

O sr. Julio Lermina, que consagrou na *Revista Universal* um longo artigo ao *volapuk*, diz, que, para facilitar o estudo do *volapuk*, os inventores da lingua fabricaram palavras monosyllabicas, que se approximavam tanto quanto possivel dos *dhatomus* sanscritos. No *volapuk*, diz o mesmo escriptor, encontram-se as raizes que formam o fundo das linguas occidentaes, nascidas de lingua oriental.

Como se vê, ha um meio simplicissimo a empregar, para se aprender com a maior facilidade o *volapuk*—é aprender primeiro o sanscrito. O estudo d'esta lingua, inventada para facilitar o mais possivel as relações de todos os povos do universo, deve ter como preparatorio o estudo do sanscrito.

Não ha como cerebros allemães para inventarem estas coisas, e os srs. Schreyer e Kerochoff são allemães, ou de origem allemã. E empregam elles vinte annos da sua vida, em fazer uma lingua automatica, sem vida, sem sangue, sem nervos, uma lingua propria para ser fallada por bonecos de Noremberg, uma especie de caixa de musica philologica, uma especie de lingua phonographica, digna de figurar n'um museu de curiosidades, como mais um prodigio da mecanica, mas condemnada fatalmente a não passar das locubrações d'esses dois maniacos para o mundo pratico. E comtudo, o engenho que se desperdiçou n'esse trabalho pueril, podia realmente ser applicado a algum descobrimento vantajoso para a humanidade.

PINHEIRO CHAGAS.

OS SUICIDIOS E O MEZ DE AGOSTO

Diz o nosso Bernardes que «esta vida não é morada, é estalagem»; e o mez de agosto corrobora esse conceito pela quantidade de suicidios, *proprios da estação*, como se diz das fazendas nas lojas de modas; suicidios *imitativos*, semelhantes ao do famoso commentador do Lucrecio, que escreveu á margem do manuscripto: «Em acabando de traduzir esta obra matar-me-hei», allemão consciencioso, que para seguir em tudo o Lucrecio, seu modelo, escreveu essa nota, a bem dizer como quem dá um nó no

lenço,... para lhe não esquecer dar cabo de si, o que, imitador maluco até a ultima, cumpriu á risca.

Em todos os paizes, e desde que ha mundo, tem havido suicidios. Das tres portas por onde se sae da vida, a mais larga, no tempo dos nossos avós, era a da velhice. E' agora a mais estreita; mais estreita até, e bem mais, que a das doenças em tempo de não haver cholera. Resta outra: a do suicidio, e, esta, n'uma esperada e certa quadra do anno, em Portugal, ou porque as irresoluções do clima tornem os animos agitados e deem aos espiritos uma allucinação febril, ou porque as doenças de figado e a misanhropia que lhes anda inherente se tenham desenvolvido de um modo aterrador, chega a figurar-se-me que tende a ser de todas a mais larga.

Sempre houve suicidios. Até a Biblia os regista. O de Samsão derrubando o templo; o de Eliazar; o do Razias... Não dá noticia o Plutarco de como se matou um dos avós d'aquella princeza que figura na *Aida* de Verdi, o Sesostris? E a Cleopatra, e a Sophonisba, e aquelle grande voluptuoso antigo, o Sardanapalo, que se matou com as concubinas...?

Respira uma pessoa d'este assumpto lugubre, ao pensar nos turcos. Turcos amaveis, que dizem a isso não poderem matarse... pela falta que fazem ás mulheres.

Pois!

Por isso o personagem da comedia dizia á esposa:

—Turco, é que é bom ser.

—Porque?

—Porque sim. E' bom, ser turco. E' marido de umas poucas de mulheres, sem ninguem ter nada que lhe diga; e evita, por esta maneira, os perigos do enfado, que uma constante convivencia costuma trazer á vida conjugal.

—Ah! costuma?

—Costuma, ás vezes; não é sempre. Excepção confirma a regra. Nós, por exemplo, (sorrindo), somos um exemplo...

—Exemplo de que?

—Exemplo de ventura. Ventura de esplendida lua de mel. Sempre cheia; ou *em crescente*, que ainda é uma imagem mais delicada para a exactidão do meu pensamento. Mas, ser turco, não deve ser mau, não!

—Coitado! Fraco turco havia de sair d'ahi!...

Mas, emfim, para o caso em questão, dos suicidios, o turco maroto esquiva-se gentilmente a attentar contra a existencia, por obedecer aos preceitos do coração: tudo quanto quizerem terão d'elle, menos dar cabo de si. Por maiores que lhe pesem os desgostos, limita-se a pôr na sua ideia o Alcorão, e sente-se assim cada vez mais resoluto a conservar-se para a sociedade. Como elle se não deve rir dos chinas!

Por um *tris*, por um *sus*, por um *bus*, o amante china rompe as tripas a si proprio, e, se já o não faz com tanta frequencia, é porque entendeu melhor passar a furia d'essa costumeira aos do Japão, que, para evitarem qualquer vergonha publica, como, por exemplo, a de ver que lhe furassem a barriga, preferem fural-a a si proprios, com o aprumo de se condemnarem elles mesmos á morte.

Não sei em que livro de viagens se conta que, a maneira mais galharda de um japonez desafiar outro, é romper a pança com um facalhão, e dizer ao seu contendor:

—Faça o mesmo, se quer mostrar que é homem!

Se o outro hesita em fazer ás tripas uma surpreza tão brutal e subita, é o mesmo que declarar que não é homem, e fica com a sua cara envergonhada para todo o sempre.

Tempos houve em que os oradores politicos e os homens de Estado, em vez de matarem a grammatica nos seus discursos, ou darem cabo da nação pela irregularidade dos seus actos, se suicidavam como um sacrificio aos deuses. Bem citado é Themistocles, que, levado pela ingratidão dos seus concidadãos a refugiar-se na côrte de um rei inimigo de Athenas, ao qual, movido de ressentimento, promettera ajudar na guerra contra a republica, não soube resistir aos embaraços da situação que creára, e, para não faltar, nem á patria, nem á palavra dada, envenenou-se bizarramente!

Se o Socrates se matou por estar aborrecido da vida, ou para maior chamariz ás suas doutrinas, ninguem o poude dizer até hoje; provocou, porém, pelo systema de defeza de que se serviu, a sentença de morte que lhe déram, e nem appellou nem fugiu.

E' tanto mais facil de crêr, quanto, os representantes de uma quantidade de seitas, melhores ou peiores philosophos, não só se matáram, mas, por seus discursos a respeito da immortalidade da alma, tão profundamente impressionaram o auditorio que, ao acabar das conferencias, iam sempre matar-se umas poucas de pessoas que haviam tido o gosto de os ouvir.

Nas conferencias modernas estão, ás vezes, os ouvintes, a ponto de morrer... mas é de somno; e, até hoje, teem escapado sem maior novidade, talvez porque o adormecerem os haja salvado.

Do Catão, que crava uma espada em si, e do poeta Labiano, que, depois de provocar, pela violencia das suas satyras, a lei, que condemnava livros d'esses a serem queimados, não quiz sobreviver a que os d'elle o fossem, passa-se para uma verdadeira mania: e ahi se matam, um, por não irem a seu talante as cousas do imperio, outro (o nome d'este deve dizer-se, para não se perder) um tal Aruncio, por se vêr accusado de adulterio e ser de costumes tão puros que o vexame de passar por uma maganice d'essas fosse caso para elle de desapparecer do mundo; e uma multidão de imbecis memoraveis que estabeleceram essa empreitada em grande, ao ponto de dar ideia de uma epidemia de morrer por gosto!

Comprehende-se a edade media: matavam-se uns aos outros, mas nenhum cahia na peta de se matar a si;—de mais a mais, a legislação era severa; confiscava os bens á familia e ultrajava os restos do suicida, o que não animava os progressos d'essa ruim moda.

Do Chatterton para cá (1770) recresce a furia. Os analystas inglezes e o poeta francez Alfredo de Vigny, dão ao suicidio d'aquelle vate enamorado de dezoito annos uma attenção especial. Começa a moda dos suicidios por melancholia. Os inglezes primaram logo n'essa especialidade. Tornou-se insinuante o *spleen*.

Lord Castlereagh, diplomata celebre, foi atirar-se á cratera do Vesuvio, e logo uma enfiada de gentlemen correu ao Vesuvio a despenhar-se na cratera. Millionarios, especuladores, lords, artistas, *touristas* e elegantes, devoraram-se de *spleen*, ou suffocaram-o na morte; e, pela morte, se libertaram d'elle. Já se espalha o boato de que, na Inglaterra, é o clima o que motiva tal mania funesta; já se diz que o tom cinzento do céo, a humidade, os nevoeiros, originem aquella tristeza fatal de não poder com a vida; e, então, os jornaes inglezes tomam a resolução de não divulgar os suicidios,—o que teem sustentado até hoje, para que não se diga haver na Inglaterra uma influencia de lugar ou de clima, que convide as pessoas a quererem morrer,—o que seria pouco auspicioso para os viajantes!

Porque, corre como certo, que, entre o individuo que resolve matar-se e o sitio que escolhe para o fazer, ha, sempre, uma affinidade, uma attracção.

Foi ali, por 1840, que a mania do suicidio começou a grassar em Portugal. Em 1844 estava espalhada com tal força, que os poderes publicos chegaram a assustar-se, e a incumbir, por officios, ás differentes auctoridades, estudarem o quanto possivel a maneira de evitar o mal. N'um mez d'esse anno, o mez de agosto, tão depressa constou n'um dia que um cavalheiro, José Luiz de Paiva, que havia ido de Lisboa habitar em Leiria com a familia, levára da sua cabeceira, de manhã, um crucifixo, se dirigira para as partes do Vidigal, e approximando-se do rio *Liz*, tirara o chapeo, collocara em cima d'elle a bengalla e o crucifixo que o tinha acompanhado, e, muito premeditadamente, se lançára na corrente que depressa o envolveu e afogou; logo, no dia immediato, rompeu a nova da viuvez tragica de um marido, que preferira a morte a ficar no mundo sem a companheira; e n'esse mesmo dia se soube que um preto, Francisco, que morava em Alcantara, cançado de trabalhar e ralado de desgostos pela infidelidade da amante, resolvera vingar-se d'ella matando-a e matando-se depois; que um tal João Pinto, o Feijoeiro, doente e entrevado em casa, mandara buscar uma cadeirinha, fôra a casa de um espingardeiro, comprara uma pistola, mandara-a carregar, e, em ar de examinal-a, a apontara á garganta, disparando-a, e caindo moribundo. Tudo isto n'um dia de agosto!

Nas cadeias eram frequentes os suicidios;—e, uma classe que parecia dever ser tranquilla e feliz, descuidosa pelo menos, a das criadas de servir, começou, sem mais nem menos, a querer morrer, tão depressa o amor lhe fizesse negaças, e a atirar comsigo das janellas abaixo; dizendo-se sempre, depois, que as pobres raparigas andavam melancholicas havia tempos, e que, toda a vez que ouviam ler ou contar mortes, principalmente voluntarias, prestavam a maior attenção, inquirindo minuciosamente as circumstancias, fazendo-as repetir, e como que deliciando-se n'aquelles exemplos, que, caladamente, andavam propondo á sua propenção imitativa.

Era uma furia! Matavam-se homens no acto de fazerem a barba, dando com as navalhas golpes nas guelas; matavam-se mulheres tomando vidro pisado, phosphoro, o que se chama pó para ratos, vitriolo, arsenico; asphixiavam-se mulheres e homens, ou, por dizer melhor, procuravam asphixiar-se, e iam, depois matar-se *de outra qualquer maneira*,—ou se arrependiam e não queriam matar-se nunca mais;—convencidos, emfim, de que a asphixia em Lisboa não fosse uma coisa facil de levar a effeito, visto como as portas e as janellas são tão mal feitas, que nunca fecham de todo, e, por amplas fendas deixam passar ratos, quanto mais o ar! cançavam-se, coitados, a accender fogareiros; e, o fumo, por mais que fizessem aquelles candidatos á eternidade, ia-se-lhe todo, fazendo-os tossir, mas não morrer.

Os velhos não se deixavam exceptuar d'essa triste mania, e adoptavam, para seu uso especial, deitarem-se aos poços.

As meninas romanticas, em o pae não consentindo nenhuma inclinação desvairada, abriam, a qualquer hora do dia ou da noite, uma janella, e logo se sentia baquear na calçada um corpo pesado... Em cima das patrulhas cahiram umas poucas de damas apaixonadas. Os soldados já arreliavam de patrulhar encostados aos predios, e não havia vel-os de noite senão pelo meio da rua, de olho nas varandas dos andares altos, não viesse alguma formosa matal-os... a pretexto de morrer ella! Pelo sitio chamado da Boa Hora, ia de uma occasião, um gallego, ajoujado

NÃO TEEM CONCERTO!

com um colchão que levava ás costas, cahiu-lhe em cima uma mulher, que atirára comsigo de um terceiro andar, indo parar direitinha ao colchão: a mulher não teve nada, e, na queda, quebrou o pescoço ao gallego.

De vez em quando, vinha algum caso celebre, e de feição excentrica, justificar como moda o suicidio: assim, um creado antigo da casa do visconde de Porto Covo, chamado Baptista, de 106 annos, que o amo respeitava ao ponto de lhe haver dado um servente ou aia, e de fazer com que todos os seus familiares lhe obedecessem, foi, n'uma bella tarde, emquanto se estava a pôr a mesa para o jantar, espairecer n'um mirante do palacio; e, chegando ao reservatorio que alimentava de regas os jardins, atirou comsigo lá para dentro, como que abrindo errata á vida e emendando-a com o pôr-lhe um termo que já tinha geitos de estar em atrazo... porque a morte se esquecesse d'elle!

A *great attraction*, porém, o chamariz, como diz o povo, eram os Arcos das Aguas Livres. Hia-se até ali como quem se dispozesse a um passeio; gabava-se aquella bella obra do nosso rei D. João V, espalhava-se a vista pelos campos do sitio chamado dos Terremotos, pelas fazendas de Campolide de Baixo, pelas quintas de Bemfica, hortas de Alcantara, dava-se um sorriso á verdura, á natureza,ao ceu, afastava-se da lembrança a familia e as pessoas amigas que por cá ficassem, e zás; era de uma vez creatura, cambalhotando, lá de cima, até ás lageas do rio que serpenteia na baixa da ermida da Senhora Santa Anna...

Formoso e encantador logar era esse para dizer adeus a este mundo, bem mais formoso do que a estreita ponte dos Suspiros de Veneza, em que tão decantados eram os ais com que o condemnado se despedia de tudo! Um grande rei mandára levantar esses arcos, e, com elles, conseguira um dos mais grandiosos monumentos de Portugal; mas, tornaram-se em Rocha Tarpeia, e, por não se haver querido, por mais que se invocassem as auctoridades policiaes, mandar postar uma sentinella de cada lado d'aquella ponte da morte, a frequencia dos suicidios suggeriu a idéa ao famoso facinora Diogo Alves de ir para aquelles sitios roubar e matar gente, ficando attribuidas essas mortes á moda de irem tantos atirar-se, da altura, áquelle valle do repouso, para assim arremessarem comsigo á eternidade.

A fascinadora altura do arco grande justificava aos olhos do vulgo a seducção de trepar ao parapeito; e, por isso, o viandante, que, a ponto deparado para o assalto do boleeiro Diogo Alves, fosse empuxado com violencia, e precipitado ás lages do caminho, desapparecia d'este mundo sem deixar suspeitas senão de ter sido tolo.

Quando os *candidatos a suicidio* que, por aquelle acto de desesperação, *armaram* um pouccchinho *á gloria*, perceberam, por já ser voz geral, que a maior parte dos cadaveres encontrados na baixa dos arcos das aguas livres, não eram de outros collegas gloriosos, porém de uns pobres diabos apanhados pelos ladrões e obrigados, uma vez sem relogio e sem dinheiro, a darem um salto mortal mais vistoso e tragico do que os dos circos, ficaram furiosos com o bandido dos arcos das aguas livres, e, voltando as costas áquelle despenhadeiro, principiaram a offerecer a sua clientela á muralha de S. Pedro de Alcantara, a qual, pelo isolamento e pela ausencia de qualquer ruido exterior, lhes pareceu optimo tribunal para aquella suprema e definitiva condemnação que contra si mesmos pronunciavam.

Para isso mesmo havia mezes fixos ,como ha ainda hoje, e como nunca entre nós deixou de haver, sendo agosto o mais abundante. Em se estabelecendo o inverno apaga-se a mania; tão certo é que a influencia dos ardores do estio tenha o seu quinhão de responsabilidade na excitação de espirito que leva ao suicidio.

E' a quadra de se colherem os fructos e as vidas... Lá vem agosto com a morte ao pescoço, diz um adagio.

JULIO CESAR MACHADO.

MARINHA

E' tarde. As barcas vão entrar. Em toda a praia
as mulheres, fitando o mar illuminado
e calmo, fallam n'um sussuro entercortado
pelo cavo troar da vaga que se espraia.

A canastra á cabeça, arregaçada a saia,
caminham pela areia em passo cadenciado.
Ao largo, no horisonte, um pouco nevoado,
cruzam-se a bordejar, latinas de catraia.

Uma aragem do mar, balsamica e salgada,
espalha um cheiro d'alga em torno. Socegada
evapora-se a luz n'um nevoeiro loiro.

Risca o fundo vermelho e ardente do arrebol
um vôo de gaivota. E, no occidente, o sol,
irradiando, parece uma panoplia d'oiro.

LUIZ DE MAGALHÃES.

A TIA DE VASCO

—E tu onde passas o verão?

—Em Lisboa, onde demonio o hei de passar?

—Vem d'ahi comigo; olha que Ponte de Lima não é feio, passam-se lá bem uns quinze dias: e depois perto de Vianna... anda, homem?

—Não vou, estás doido: ainda se a casa fosse tua...

—E' o mesmo que se o fosse. Minha tia vive sósinha, não tem mais nenhum parente.

—Pois sim, mas isso não é uma rasão para eu ir metter-me em casa d'ella...

—Olha não a arruines! Ella tem mais de oitenta contos de réis.

—Oitenta contos? disse Ricardo arregalando os olhos.

—Para mais, para mais...

—Maganão! Por isso tu lhe vaes fazer companhia .. sobrinho unico ..

—Não, não é por isso... Costumo lá ir todos os annos...

—E ella é já muito velha?...

—Cincoenta annos! feia como um bode, mas sã como um pero.

—O' demonio!

—Deixál-a viver, coitada! Sinceramente, sou amigo d'ella, foi quem me creou, andou comigo ao collo...

—Olha, pois eu vou arranjar ali umas coisas, e talvez ainda este verão dê uma passeata até ao Minho. Se fôr, lá te irei fazer uma visita a casa da tia.

—Vae, vae, que eu em lá te apanhando, apresento-te a ella, e verás que não te deixa sahir de Ponte de Lima tão cedo.

E Vasco aperton a mão a Ricardo, que se afastou, pensando com os seus botões.

—Este diabo é que é feliz. Sobrinho unico d'uma tia com oitenta contos! Só eu não tenho tias d'essas!... E' o que me fazia arranjo agora, uns oitenta contos!...

*
* *

Uma bella manhã, manhã de feira de gado na praça de Ponte de Lima, o Vasco vê de repente erguerem-se, entre o oceano enorme de hastes de bois que cobre as areias do formoso Lima, dois braços enormes que se abriam para elle em exaggerada expansão de amizade.

—O Ricardo!

—O Vasco!

E cahiram nos braços um do outro.

—Então sempre te resolveste, hein?

—Eu cá sou escravo da minha palavra. Prometti-te, se viesse ao Minho, vir bater-te no ferrolho: vim ao Minho, aqui estou em Ponte de Lima.

E depois, olhando para os bois que os cercavam por todos os lados:

—E' bonito, isto, é pittoresco!

—E'. Como vieste tu?

—Vim de trem. E' bem bonita a estrada de Vianna aqui...

—E'... mas agora vae mandar embora o trem...

—Embora? Então como hei de ir para baixo?...

—Tu não vaes para baixo nem para cima. Tu agora não saes d'aqui tão cedo...

—Nada, nada, isso é que não... Tenho ainda que ir á Galliza...

—Olha, ahi vem minha tia, vou apresentar-te, interrompeu Vasco, apontando para uma senhora direita como um I, encarquilhada como uma passa e lisa como uma taboa, que se approximava com uma grande magestade provinciana e uma grande sombrinha verde.

—Minha tia, o meu amigo Ricardo, em quem lhe tenho fallado tantas vezes, meu companheiro de collegio.

—Minha senhora, tenho immenso prazer em a conhecer pessoalmente, o Vasco tem-me fallado tanto em v. ex.ª, que isto agora não é fazer um conhecimento, é um reconhecimento.

—Então é a primeira vez que vem á Ponte, perguntou a tia com uma voz muito secca, muito cortada, que fazia o effeito de uma bengala correndo por varões de ferro

—E', é a primeira vez, isto é muito bonito, é muito pittoresco...

—Pois sim, atalhou Vasco, é muito pittoresco, más tu já o dás por visto, queres-te ir embora a correr.

—O que? Embora já? Sem ver a minha quinta...

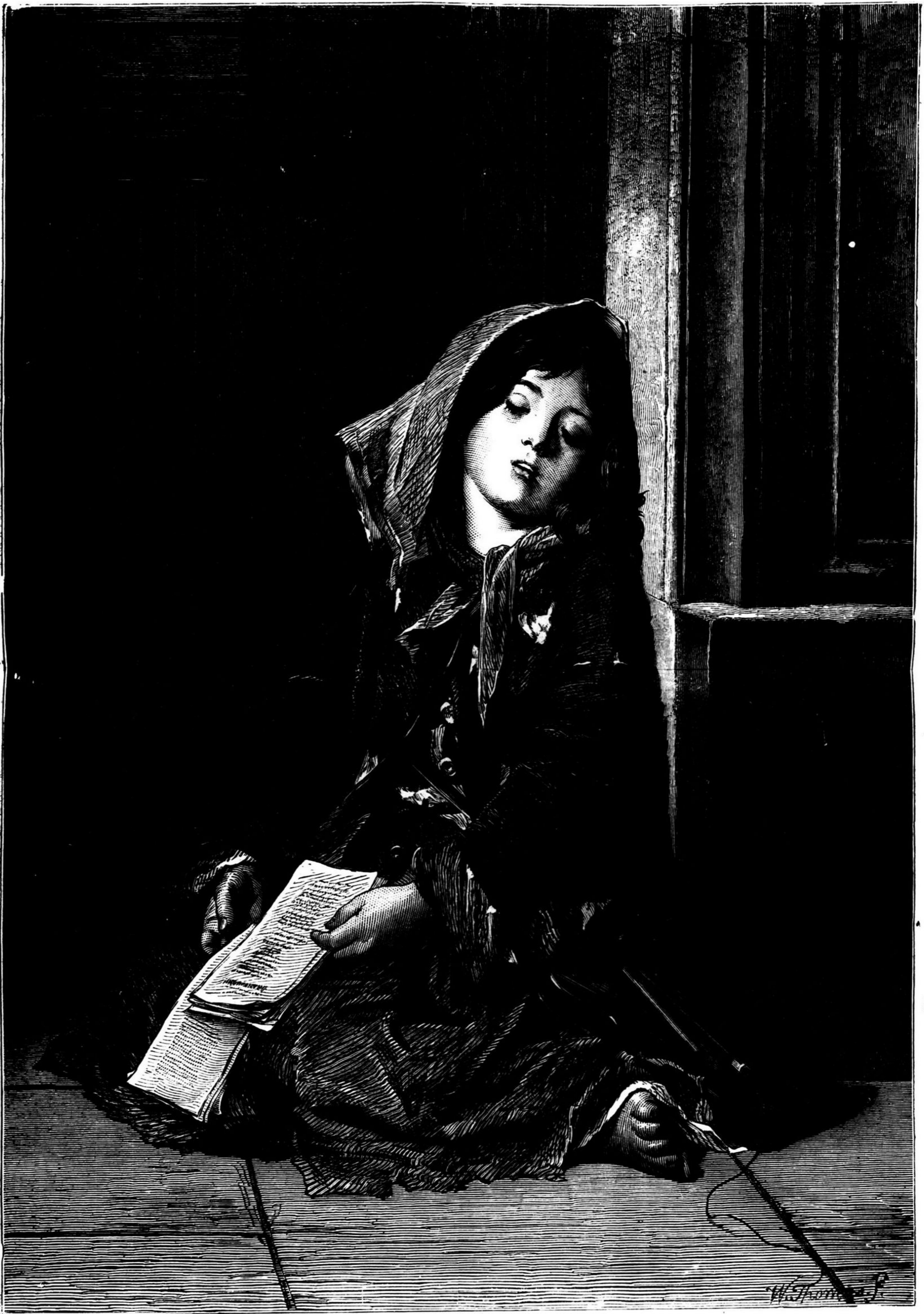
—Vês? apoiou Vasco, a tia Ursula é que te ha de ensinar, não te podes ir embora sem veres a quinta...

—Minha senhora. V. Ex.ª manda, estou ás suas ordens...

—E ha de ver a quinta, e os moinhos, e o açude, e as fazendas da Mineira...

—Exacto, exacto, o meu sobrinho tem rasão, approvou D. Ursula, amavel; já que veio á Ponte é melhor ver tudo isso.

—Mas minha senhora, eu deixei as minhas malas no hotel, em Vianna.

—Isso mandam-se lá buscar... Vou já mandar um criado.

EXTENUADA

Vae escrevendo ahi um bilhetinho. Eu bem te disse na rua da Prata, És meu prisioneiro...
E Vasco partiu a correr, para ir dar as snas ordens.

* * *

Passados quinze dias, em Lisboa, um amigo intimo de Ricardo recebia esta carta:

Meu velho

Perguntas-me que demonio faço eu ha tanto tempo em Ponte de Lima, e se isto por cá é muito divertido. Não é mas o homem não vive só de divertimentos; não estou aqui para me recrear, estou para me empregar. Podes dizer ao Norberto que desista do logar de amanuense que elle promettera arranjar-me. Tenho coisa melhor. Vou casar, vou ter ordenado superior ao de ministro de Estado, é verdade porém, que com muito mais trabalho. Vou casar com a tia do Vasco. Tem 80 contos e 50 annos Eu gostava mais que fosse o contrario: que tivesse 80 annos, ainda mesmo que só tivesse cincoenta contos. Paciencia, nem tudo pode ser á medida dos nossos desejos. Muito bem me tem corrido tudo, e até estou admirado d'isso!... Havia uma coisa que me assustava muito. Era a maneira como o Vasco receberia a confidencia do meu casamento. Elle, coitado, é o unico parente da velhota e era o seu unico herdeiro. Mas tudo correu ás mil maravilhas. E' um excellente rapaz, o Vasco, e eu era muito injusto para com elle.
Logo nos primeiros dias que cheguei aqui comecei a fazer os meus rapa-pés á velha. Oitenta contos, imagina tu!
Um ideal! a sorte grande de Hespanha, sem arriscar dez libras no bilhete Ella cahiu logo. Podéra! Aos cincoenta annos uma corôa de flôr de larangeira deve custar a supportar como o demonio.
Uma tarde, emquanto o Vasco foi a Vianna, eu fiquei só com ella na quinta e fiz-lhe a minha declaração com uma eloquencia propria dos seus oitenta contos. Ella não é nada tôla, assim não fosse tão feia ou fosse mais velha. Disse-me que agradecia muito as minhas palavras, mas que me pedia licença para não acreditar n'ellas: que eu era muito novo, que ella podia ser minha mãe - não disse avó, por um requinte de delicadeza.
—Oh! minha senhora! O amor não conhece edades, o amor é cego, etc., etc., etc.
—O senhor não se offende com o que eu lhe vou perguntar?
—Oh! minha senhora...
—Se eu fosse pobre, se eu não tivesse nada de meu, o senhor amar-me-ia?
—Oh! juro-lh'o...
—Por tudo que ha de mais sagrado?
– Por tudo que ha de mais sagrado.
—Pois bem—aqui tem a minha mão—tambem o amo!
Não imaginas o que eu senti quando ella me disse *tambem o amo!* Só senti sensação egual uma vez, ha tres annos, quando o Silva da rua do Ouro me contou, em cima do balcão, vinte libras que me tinham sahido n'um decimo.
O demonio era o Vasco! Como receberia elle a coisa! Cheguei até a receiar que elle desse a tia por demente.
Andei quinze dias sem saber como lhe fazer a declaração, a elle.
Por fim, uma manhã, que fomos passear a uma quinta afastada, ambos sósinhos, enchi-me de coragem, e abordei o assumpto.
Eu estava preparado para tudo, até para jogar a pancada. Imagina o meu espanto quando elle, depois de me ouvir muito calado e cofiando a barba, me responde com um grande accento de sinceridade sympathica.
—Queres que te diga a minha opinião? Acho que fazes muito bem.
—Hein?
—Fazes muito bem, e estimo muito esse casamento. Tu és um excellente rapaz, has de tratal-a muito bem.
—Oh! quanto a isso juro-te.
—Ella é uma excellente senhora e ha de te fazer feliz, não pelo amor, mas pela amizade, pela dedicação, pela virtude...
—Ella é um anjo, sei perfeitamente.
—E', e dou-te os meus parabens...
—Então não te zangas comigo?
—Zangar-me, que idéa? Até te agradeço a felicidade que me dás com essa noticia, meu caro tio, respondeu elle rindo e abraçando-me.
E depois começamos logo a fallar a respeito do casamento. É d'aqui a tres semanas, na capella da casa d'ella. Os banhos já estão correndo, e aqui tens como eu estou noivo e em vesperas de ser capitalista.
Não ha nada como o Minho... E' o jardim de Portugal, e para mim é mais que jardim, é a mina do Paiz...

* * *

O casamento de Ricardo e D. Ursula foi uma festa fallada em todo concelho de Vianna do Castello.

Oito dias depois d'esse casamento, Ricardo voltou, com sua mulher, da viagem de nupcias que fizera até Vigo.
Vasco ficara em Ponte de Lima, esperando-os.
Depois do jantar, Ricardo e Vasco foram passeiar para um terraço, emquanto a D. Ursula ia dar uma vista d'olhos aos seus aposentos arranjados de novo.
—E' verdade, Vasco, dize-me cá uma coisa. Isto de amor é muito bom, eu gosto muito de tua tia, sou muita feliz com ella, mas ainda não me atrevi a fallar-lhe n'uma coisa.
—Em que? perguntou Vasco admirado.
—E tu é que me has-de ajudar a isso.
—Estou ás tuas ordens.
—Ella ainda não me disse palavra ácerca dos seus bens. Ora é necessario que eu, como marido e portanto como administrador da casa, tome conta do que ha...
—Do que ha?...
—Sim, todas as propriedades e papeis de minha mulher.
—Quaes propriedades?
—De tua tia.
—Ella não tem propriedades nenhumas.
—Hein?
—Era usofructuaria de bens no valor de oitenta e tantos contos, que lhe deixou meu avô, com a condição de, por sua morte ou por seu casamento, passarem para mim esses bens...

* * *

No dia immediato o amigo intimo de Ricardo recebia o seguinte bilhete postal:

«*Meu amigo*

«Insta com o Norberto por um logar de amanuense... mas para o Ultramar.»

GERVASIO LOBATO.

A ULTIMA SERENADA DO DIABO

No tempo em que elle, nas lendas,
Era amante e cortezão,
Jogava, e tinha contendas,
Cantava assim em Milão:
O' flores meigas, ó Bellas!
Para prender os toucados,
Eu dar-vos-hia as estrellas:
—Os alfinetes dourados!
Só pelo amor quebro lanças!
A Rainha de Navarra
Enleou um dia as tranças
No braço d'esta guitarra!
Sou um heroe perseguido!...
Mas inda ha luz nos meus rastros...
A lança que me ha ferido
Foi feita do ouro dos astros!
Mas um dia, ó bem amadas!
Eu tornaria ás alturas...
Subindo pelas escadas
Das vossas tranças escuras!
O amor que em meu peito cabe
Não conta diques, ó bellas!
Só minha guitarra o sabe,
E aquellas velhas estrellas!
O' batalhas amorosas!
—Era d'aventuras cheia!
O' brancas noutes saudosas
Que eu andei pela Judêa!
O' flores appetecidas!
Livros escriptos com beijos!
O' brancas aves fugidas
Dos jardins dos meus desejos!
Não me deixeis no abandono,
O' tristes olhos leaes!
Como as pombas, que no outono,
Abandonam os pombaes!
Que fosse eu crucificado
N'alguma bem alta cruz!...
—E vos tivesse a meu lado,
Como vos teve Jesus!...
Esses olhos me consomem!...
Mas, Mulher, da lucta ao cabo,
Se perdeste o antigo Homem...
Tu matarás o *Diabo*!

GOMES LEAL.

AS NOSSAS GRAVURAS

CLAUSTRO DOS JERONYMOS

O mosteiro dos Jeronymos é uma perfeita amostra do estylo chamado *manuelino*, e encerra bellezas sem conto, que são a ad-

miração de quantos estrangeiros visitam Belem. Desde o portal arrendado da fachada—uma verdadeira maravilha artistica pela finura do trabalho e pela harmonia entre os detalhes—até ao sumptuoso claustro que a nossa gravura representa, tudo ali é grande e cheio de magestade.

Esta obra colossal foi começada no anno 1500, em commemoração da volta de Vasco da Gama das Indias.

Todos os materiaes empregados na construcção são do paiz, e cita-se, como facto notavel, que nem uma só pedra de todo o edificio se moveu do seu logar, por occasião do terremoto de 1755.

NÃO TEEM CONCERTO!

Aquella pobre *sopeira* imaginara poder eximir-se á despeza d'uns sapatos novos, despeza pouco ou nada consentanea com o estado das suas finanças.—Os velhos—dizia—haviam de ter arranjo por força, mais meia sola para aqui, mais ponto para acolá.

E fortalecida por estas risonhas esperanças, foi-se a consultar o sapateiro da escada, bebado em fóra, mas entendido no officio como os que o eram.

Da attitude triste da rapariga e do gesto significativo do velho, deprehende-se qual foi o resultado da consulta. Os sapatos não tinham concerto, por mais voltas que elle lhes désse.

E assim se desmoronam, sobre o influxo d'uma simples palavra, tantas illusões da vida!

EXTENUADA

De fome e de cansaço. Nem a venda da canção nem o instrumento que toca lhe renderam o quasi nada que era preciso para se alimentar. Não póde mais. O artista soube exprimir bem aquella attitude de supremo abandono que a pobre rapariguinha apresenta. Soffre e não póde soffrer mais. A sua innocencia permitte-lhe ignorar o motivo de tanta afflicção. Não sabe a razão por que veio ao mundo condemnada a padecer tanto. Mas nós, que somos sabias poderiamos talvez dar-lhe essa razão. Seria ao menos um bom allivio. O mais provavel é que a morte a livre muito breve do seu mal e da nossa sabedoria. É a melhor maneira de ficar sabendo tudo.

O HOMEM DO MAR

Esse velho que a nossa gravura representa, Diogenes vivendo tranquillo dentro do seu cabaz, é um typo cosmopolita. Aquella physionomia impassivel de quem tem por habito affrontar sereno o perigo, aquella confiança com que espera a morte como arribada forçada da ultima viagem a porto seguro e sem parceis, aquella frugalidade na vida, aquella affectuosa companhia do cachimbo, companheiro fiel das solidões, microscopica ironia aos frios do liquido elemento, aquella face crestada e que as rugas da edade sulcam fundo, aquelle todo patriarchal e indolente, é commum a todos os homens do mar, qualquer que seja o seu paiz, que em toda a parte as ondas são transparentes e o ceo azul, e a tempestade caliginosa e a brisa maritima violenta, e as areias da praia douradas, e os rochedos da costa escarpados e adustos! Em toda a parte o sol brilha com o mesmo fulgor, e a lua amiga prateia a superficie lisa das aguas! Em toda a parte ha perigos e trabalhos, naufragios e escolhos, ou nas cristas vivas das rochas, ou nos bancos traiçoeiros das areias!

Um bom gibão para agasalhar o corpo, a perna quasi nua, o barrete que aqueça bem a nuca, o pé descalço, e faça Deus bom tempo ou mande a tempestade, que para o marinheiro é isso quasi indifferente. Conhece essas vicissitudes, desde pequenino, com ellas se creou, no meio d'ellas medrou e cresceu, sem que o animo se lhe commovesse mais porque o trovão ronque no espaço, ou porque o ar pareça adormecido a namorar-se do proprio azul espelhado da agua! Para as raras horas de repouso, qualquer commodidade é goso, qualquer refeição é regalo. A sua cosinha é sobria como a de um espartano, o seu sibaritismo está no fundo de uma garrafa com algumas gotas de bebida alcoolica que aqueça e retempere o organismo. Aquelle cabaz tosco e duro é luxuosa e commoda cadeira para os seus ocios; e quer o sol dardeje a prumo os seus raios, ou os chuviscos lhe molhem o vestido, é para elle o mesmo. Nem se lhe apaga o cachimbo na bocca, nem a confiança no coração!

A historia d'este homem é a de todos os homens do mar. Nasceu a borda do mar; viu pela primeira vez o seu rosto pequenino no espelho das aguas e costumou-se a despresar os vidros polidos que a sociedade fabrica; brincou criança na praia, apanhando conchinhas, ou fazendo castellos de arêa, e pouco lhe durou esse brinquedo, que logo começaram para elle os trabalhos e fadigas na tripulação fatigosa do batel; a vara e o remo tornaram-se-lhe familiares; aprendeu a remendar a vela e a alcatroar o casco do seu fragil lenho; afoutou-se ao mar e aprendeu a luctar com as ondas; nadou instinctivamente, como os peixes,—no verão porque ia refrescar o corpo nas aguas transparentes, no inverno porque ia roubar ao mar alguma das suas prezas nos salvados de navios ali perto naufragados.

A vida, aprendeu a despresal-a, quando viu tantos dos seus companheiros engolidos na voragem immensa e mysteriosa das vagas. A escóla do mar tornou-o phylosopho; a religião foi-lhe ensinada por sua mãe no berço, e completada pelo proprio Deus no mar e no vento. Ergue alto o seu espirito e falla com o Creador nas mais sublimes obras da creação. Ahi aprendeu a amar a familia, como porto seguro de naufragios, ahi reconheceu no lar domestico a enseada tranquilla dos vendavaes da existencia, ahi soube que todos os homens são eguaes em pequenez e em fraqueza deante da força omnipotente dos ventos e das vagas; ahi fez a sua aprendizagem de fraternidade nos perigos, e ahi se educou para a liberdade, pelo exemplo dos elementos, que poder algum contém ou reprime; mas viu na liberdade desenfreada o temporal, viu na bonança a ventura, e amou instinctivamente a liberdade tranquilla e serena. Não sabe fazer revoluções porque se envergonha de querer imitar o mar.

Depois um dia chamaram-no ao serviço, mandaram-no morrer ou vencer por uma bandeira, que era para elle como um outro symbolo religioso, porque desde pequenino a vira fluctuar nos dias festivos á pôpa do seu barquinho. Deram-lhe por habitação um alteroso navio onde tremulava essa mesma bandeira, tanto bastou para o fazerem heroe: a morte apresentou-se-lhe sob dois aspectos; já a conhecia n'um, facil lhe foi familiarisar-se com ella no outro. Trabalhou, soffreu, foi vencedor ou vencido; e a patria não se importou mais com elle, nem elle estranhou a indifferença, como quem nada esperava nem pedia em recompensa do serviço. Restituira-o ao seu lar, á sua praia, que mais podia desejar? Envelheceu tranquillo e satisfeito, contando aos rapazes da aldeia as miraculosas narrativas das suas viagens, das longes terras que viu, das estranhas gentes que conheceu, dos recifes e parceis por onde arriscou a vida, dos perigos de que se salvou, dos recursos que a serenidade d'animo e a Providencia lhe depararam nos momentos criticos, da sua fé na Virgem da Bonança, do seu fatalismo religioso, que o leva a esperar sereno e resignado a hora da viagem eterna.

No mundo nada o afflige senão o golpe que tem no pé direito e que o obriga a trazel-o envolvido n'um trapo, embaraçando-lhe a liberdade dos movimentos na arêa secca ou na borda do mar.

E' aquelle o seu maior, o seu unico desgosto no momento em que o contemplamos.

Quantos dos felizes da terra, dos opulentos, dos poderosos, dos festejados, dos que teem renome universal, dos que cingem o seu nome com a aureola da gloria, invejariam a sorte do homem do mar, tendo por unico desgosto uma ferida n'um pé!

CAÇADA AOS VEADOS

A nossa gravura representa uma das scenas mais gratas aos caçadores de veados.

O logar onde ella se passa é um bosque frondoso, por entre as sombras de cujos ramos se desenha a esbelta figura do animal, um dos mais elegantes que povoam as selvas.

Na posição do veado vê-se distinctamente toda a galhardia das suas fórmas, e como que até toda a galhardia com que a natureza o dotou.

O caçador aguarda com impaciencia o instante de derrubal-o, como um guerreiro denodado póde aguardar o momento em que ha de ser rendido a seus pés o inimigo contra o qual peleja.

O ULTIMO SEBASTIANISTA

Quel-qu'un a dit que le premier prophete, etait le premier fripon qui avait rencontre un imbécile.

VOLTAIRE.

Parece que a fé, bem ou mal fundamentada, é uma especie de elixir de longa vida, que serve para a alma e tambem para o corpo. A longevidade dos frades, de que tantas chronicas nos transmittiram noticia, até muitas vezes fabulando, veem em auxilio da nossa aventurosa proposição, sem necessidade de nos remontarmos aos tempos biblicos. As longas e nevadas barbas dos sebastianistas, denunciadoras da provecta edade a que quasi todos elles alcançam, é um dos mais accentuados caracteristicos dos que ainda esperam pela vinda do Encoberto, é mais uma demonstração de que a fé, rejuvenescendo o espirito, retempera o physico dos crentes, alargando-lhes os horisontes da vida, como para lhes dar tempo a verem esclarecidos os mysterios, em que, confundidos com a fé, puzeram a esperança, a grande virtude dos singelos sonhadores.

Se assim não fosse, não duraria ha mais de tres seculos a seita dos sebastianistas, no seu começo affrontando os suplicios, mais tarde as admoestações pouco paternaes da mesa de censura e ordens, e as sentenças nada suaves da inquisição; por ultimo, em tempos mais desempoeirados, os sarcasmos da intolerancia

os apodos, e os apupos, dos que nos sebastianistas apenas pretendem vêr uma associação perigosa, quando elles, coitados, até ignoram as bases em que assentam as sociedades corporativas, que as ha tambem para a propaganda do mal.

O padre José Agostinho de Macedo, o façanhudo pamphletario, que enriqueceu a lingua portugueza com um vocabulario directamente aurido nos logares publicos, onde a palavra corre parelhas com as ruins paixões, foi o flagello dos Sebastianistas, quando elles, já no começo d'este seculo, esperavam ingenuamente que o Encoberto viesse ajustar as suas contas com Napoleão I, e pôr os francezes fóra de terras de Portugal.

Fossem quaes fossem as intenções dos Sebastianistas, nós cremos que nenhumas eram, o facto foi que a regencia do reino, temendo-se da accumulação dos crentes no Alto das Chagas, e de Santa Catharina, d'onde alongavam a vista para a barra, á espera do infeliz batalhador de Alcacer-quibir, entendeu, na sua alta sabedoria, encarregar o truculento padre José Agostinho de azorragar os inoffensivos matutos que, de Bandarra em punho, e auxiliados pelos commentadores dos prophetas, a cada vella que ao longe despontava no horisonte, viam, claramente, a galé, que a seu bordo conduzia o redemptor da patria, resolvido a dispensar os serviços dos nossos fieis alliados, e a só por si redimir o reino das garras dos invasores.

Entre parenthesis, e sem querermos bolir com a consciencia de ninguem, sempre, entre outras duvidas ácerca da vinda de D. Sebastião, se nos deparou a flagrante contradicção das prophecias, sobre o modo de sua magestade se restituir a estes seus reinos.

O HOMEM DO MAR

A's prophecias que, sem obscuridades de phrase, affirmam que el-rei ideve voltar embarcado, outras prophecias se lhes contrapõe m, ndicando a sua vinda por terra, e a cavallo, por signal que n'um cavallo branco, furtando-se os sectarios d'esta segunda versão a dizer por qual das portas da cidade.

Ambas as coisas ao mesmo tempo é que não pode ser. N'esta imposibilidade absoluta se funda a nossa incredualidade na vinda do Encoberto, não nos sabendo dicidir entre a auctorisada opinião dos dois sapateiros prophetas, entre Bandarra e Simão Gomes, apesar do primeiro dos mestres affirmar, com un certo entôno magistral, que não deixa logar para duvidas:

> Minha obra é mui segura
> Por que a mais é de correia.
> Se a alguem parecer feia
> Não entende de costura.

Nós, que, com effeito, nada entendemos de costura, e que não pertencemos á benemerita associação de S. Crispim, não temos pretenções a decidir este intrincado pleito, e se apontámos a contradicção dos prophetas, foi por simples descargo de consciencia, e mais nada.

O padre José Agostinho, que não era homem de meias me didas, ao acceitar a nomeação da Regencia, pegou da penna, d'esta vez como tantas outras, transformada em cajado, e começou a dar bordoada á direita e á esquerda, quer nos Sebastianistas, que os governadores do reino haviam relaxado ao braço vigoroso de sua reverencia; quer nos pedreiros livres, que tinham tanto de commum com aquelles, como o proprio flagelador das duas irmandades.

D'ahi uma bulha suja, de nossos peccados, que ficou representada por um crescido numero de opusculos, todos elles decentemente encapados em papel de forrar bahus, sem excluir os do padre que levantara a tempestade, e os dos seus dois mais nobilitados adversarios, o poeta Nuno Alvares Pato Moniz e João Bernardo da Rocha, que ambos sairam a fazer causa commum com os Sebastianistas, por, um d'esses accordos, hoje vulgares entre os governos e as opposições.

O padre José Agostinho assentára, e pretendera, provar as se-

guintes quatro audaciosas proposições, uma das quaes, apenas, se nos affigura verdadeira, a saber: que os Sebastianistas eram, *maus cidadãos, maus vassallos, maus christãos, e todos rematados;* sendo, a nossa vêr, unicamente provada e verdadeira a ultima d'ellas, por que as outras pertenciam ao dominio exclusivo das consciencias de um bando de pobres allucinados, que acatavam a religião do Estado, obedeciam ás leis, e até, juntando Babylonia com Sião, esperavam pelo seu rei, sem ainda assim deixarem de se interessar pela demencia da rainha D. Maria I, e não desejando que o clima da America fosse fatal á espapaçada organisação do principe regente, que por lá andava saboreando ananazes.

Apesar da confiança com que o Hercules julgára calcar a pés a cabeça da hydra, o Sebastianismo sahio incolume da provação, continuando a manifestar-se publicamente, como o fizera em epocas anteriores da nossa historia; perpetuando-se até aos nossos dias, embora humilde e obscuramente, sem gremio, sem representação ostensiva, sem aspirações collectivas, sem conciliabulos nocturnos, sem nada, emfim, que os torne suspeitos á policia, apesar do senso geral continuar a fazer sua a proposição pouco caritativa do padre José Agostinho, de que os Sebastianistas não são, de certo, os mais avisados dos mortaes.

Ha poucos annos ainda, vimos nós uma curiosa collecção de prophecias, não deixando nada a desejar pelo lado calligraphico, em que as trovas andavam já ageitadas a nutrir na seita a esperança na vinda do infante D. Miguel, como logar tenente do Encoberto, isto pelos mesmos processos usados antes de 1640, e rejuvenescidos depois em diversos periodos da nossa historia.

Assim foi que os sebastianistas em 1810 lograram apavorar a regencia do reino. Hoje as prophecias são lidas para desenfado de coisas mais sérias, sem outra importancia, além da que cumpre dar ás lendas, por serem, como são, uma das feições do sentir popular, e como taes auxiliares da historia, que ajudam a estudar, e a comprehender.

A evolução lenta, mas pertinaz, da lenda sebastica atravez dos seculos, distanceia-a das lendas dos outros povos, impondo-lhe um cunho especial de nacionalidade. Emquanto as prophecias de Nostradamus, quasi contemporaneas das do Bandarra, se circumscreviam a assignalar factos e datas proximas, e a fazer previsões que não affrontavam o sobrenatural, as do Sapateiro de Trancoso, e as do seu collega Simão Gomes,preparavam os espiritos dos credulos para todas as eventualidades futuras, e no seu metaphisico eclectismo, sempre prompto a amoldar-se ás crises historicas, e ao pensar individual de cada crente, venciam o tempo, e subjugavam todas as consciencias.

Ainda ha pouco mais de 7 mezes, foi no passado mez de fevereiro, falleceu, com 80 annos de edade, um homem, que morava na rua de Sant'Anna, n.º 10, a Belem, que guardava vivas todas as tradições dos mais abalisados prophetas, alheio ao movimento progressivo das sociedades modernas, concentrado na meditação exclusiva das trovas em que assenta o credo da seita sebastica. Ao favor de um amigo devemos estar na posse dos papeis que foram, por mais de tres quartos de seculo, o enlevo de uma alma sequiosa de ver decifrados os arcanos dos tempos futuros, e que n'essa fé se deixou adormecer, sereno e resignado, para não mais acordar.

Chamava-se Procopio o credulissimo sebastianista. Fôra em tempos cantor da Sé Patriarchal, onde, devemos suspeital-o, com a voz, mas não com a vontade, tomára parte em algumas festividades religiosas, para elle verdadeiros ultrajes ás suas crenças, taes como as em que se agradecia a Deus o advento ao throno da Senhora D. Maria II, depois o d'El-Rei o Senhor D. Pedro V, e por ultimo o do Senhor D. Luiz, intrusos, segundo o seu pensar, na governação do reino, que só a D. Sebastião pertencia. Remediado de bens da fortuna, que herdara de um seu irmão, e por tres vezes casado, o que prova que os sebastianistas não teem para o matrimonio a mesma negação que a historia attribue ao seu real patrono, o velho cantor Procopio conservava intemeratas, emquanto ao resto das suas crenças, as mais rigidas tradições da seita a que pertencia, e guardava como bocadinhos de oiro, em esmeradas copias, as prophecias julgadas por elle as mais authenticas, e de mais sobrenatural alcance.

Assim pois, temos diante dos olhos, em cadernos esmeradamente cosidos, a celebre *Visão da Madre Leocadia*, os *Commentarios ao juramento de D. Affonso Henriques* e uma grande quantidade de prophecias de subido valor, de bemaventurados, bem como uma rasoavel porção de prognosticos sobre eclypses, e ainda, com uns certos laivos de erudição, diversas paraphrases e commentarios a Camões, Francisco de Sá de Menezes, Francisco Rodrigues Lobo, e muitos outros poetas de boa nota, alheios a crendices e dispauterios.

O nosso Procopio, deixem-nos assim chamar a quem tão portuguez de lei se mostrava, era um homem de estatura medeana, testa espaçosa, como talhada para accomodar altivos pensamentos, e olhos azues, de uma transparencia ascetica. Muito magro, o profundo cogitar não lhe dava aso a nutrir, denunciava finalmente as suas crenças por umas formosas barbas brancas que impunham respeito aos scepticos, que eram tantos, quantas as pessoas que o ouviam affirmar por exémplo: que encontrára D. Sebastião na Quinta de Queluz, e mais tarde no Atterro, tendo tidoSua Magestade a bondade de ir ao encontro do seu fiel sectario, fallando lhe familiarmente, não sabemos em que lingua, por que o fanatico Procopio affirmava que El-Rei D. Sebastião se esquecera de fallar portuguez, fazendo, para que os outros o entendessem, amiudadas citaçõs em latim, em grego, e em hebraico! Quem seria o velhaco, que a policia deixou escapar, que no Aterro se entretinha em abusar da boa fé, e quem sabe se da bolsa do credulo sebastianista?

Da papelada do velho cantor da Sé Patriarchal, deprehende-se que elle mantinha correspondencia, e tirava a miudo duvidas com um tal F. P. Lobo, grande sabedor, ao que parece, de coisas sebasticas. Em uma carta que temos d'este sujeito, remette elle ao nosso Procopio a copia de uma prophecia do *Moiro Abarramil*, que é de fazer apavorar os mais audazes.N'este papel, que o Lobo envia ao seu amigo Procopio, lêem-se coisas de fazer arripiar os cabellos, e que parecem applicaveis aos tempos que vão correndo taes como, entre outras, o prognostico *de guerras feitas com tanta crueldade e insolencia dos vencedores, como perfidia e pouca fé dos vencidos*, que se o homem se não enganou d'esta vez, parecem alludir á guerra anglo-russa, que mais tarde ou mais cedo não deixará de aterrorisar a Europa.

Se alguem duvidar da veracidade d'esta escripta, e mesmo da existencia do sebastianista Procopio, póde, querendo, desenganar-se indo de passeio até Belem, onde encontrará o predio chamado do Bico, ou do Procopio, o primeiro edificio construido depois do terremoto de 1755, de que elle era o proprietario, e onde conservou, emquanto viveu, uma camara de estado, com leito de armação, e colxas de damasco, prevendo a possibilidade d'El-Rei D. Sebastião lhe apparecer de um dia para o outro, pedindo-lhe agasalho!

E nunca houve nenhum d'estes freguezes da policia civil, que lhe apparecesse a requerer moradia e alimento, repetindo em pleno seculo XIX as ousadias, artimanhas e mystificações do celebre Marco Tullio, que por tanto tempo logrou illudir a boa fé dos incautos do seu tempo!

De resto, o sebastianista Procopio desmentia, com o seu exemplar procedimento civil e religioso, as ousadas proposições que o padre José Agostinho formulára contra os que, em 1810, esperavam ainda de boa fé a vinda do Encoberto.

Havendo-se espontaneamente despojado das joias do seu uso, o nosso Procopio enfeitára com ellas uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, additando-lhes, por especial deferencia, um habito de Christo, com que em tempos fôra agraciado pelo governo, cabal demonstração do seu desapego das pequeninas vaidades.

Alheio aos commodos os mais vulgares da vida, o nosso sebastianista penitenciava-se asperamente, dormia no soalho duro de uma alcova sem luz nem ventilação, mas passava alegremente os dias, sempre na esperança de vêr, de um momento para o outro, entrar-lhe pela porta dentro o glorioso vencido de Alcacer quibir!

Era doido, o nosso homem? Não sei responder á pergunta. Se o era, tinha por vezes grandes intervallos lucidos, em que negava com logica, alguns pseudo-aphorismos constitucionaes, e em que ria a bandeiras despregadas dos poetas da escola realista, antepondo-lhes as *Visões da Madre Leocadia* e o do *Pretinho do Japão*.

Era doido? Volto a dizer que não sei. Talvez fosse, mas não nos parece.

L. A. Palmeirim.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

NOVISSIMAS

Caminha esta mulher n'esta parte de Hespanha - 2—3.
Este homem e esta mulher formam uma mulher—1—2.
Este appellido para ligar é bom—1—2.

Lamego. Dinheiro.

Este pronome na egreja dá pão—1—2.
Vigio esta terra com rapidez—2—3.

Faro. J. P. Viegas.

EM VERSO

Se estas querem dizer graça,—2
Viver assim, que desgraça! — 1
Vamos conduzil-o á praça,
Para o povo ouvir chalaça.

Foca Pequena.

(A Filippe Fernandes Leite de Barros Moura)

E' um rio conhecido—1
E conjuncção usual—1
E', tambem, nota de musica—1
E, finalmente, vogal.

Leitura tão agradavel,
Tenho já saboreado.
E tu, amigo, por certo,
A deves ter estudado.

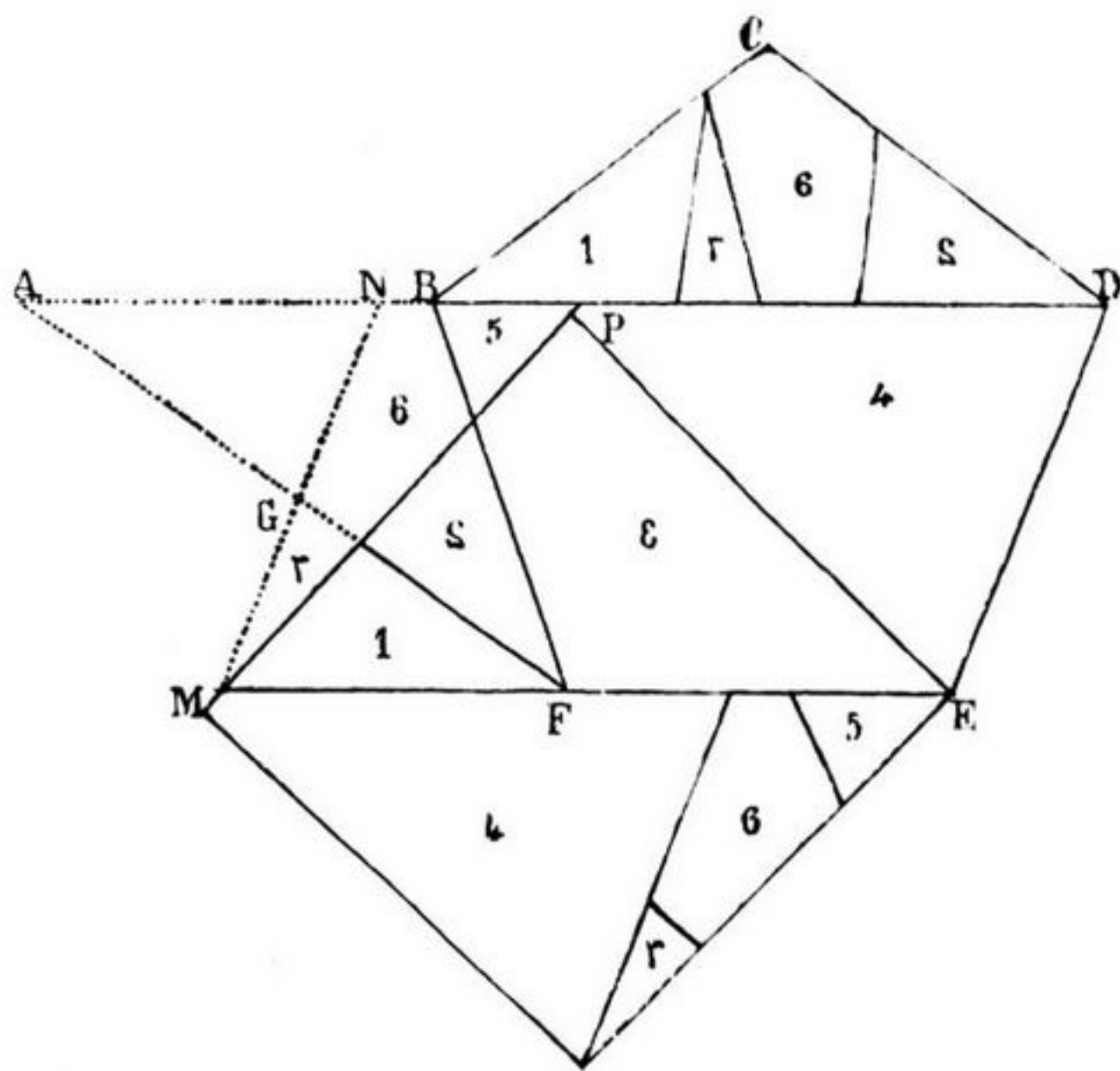
J. D. V.

PROBLEMA

Um cadeado de lettras admitte 6720 disposições. Tem no primeiro annel um certo numero de lettras; no segundo mais uma, e assim successivamente, até ao ultimo, que tem o dobro do primeiro Pergunta-se o numero de anneis, e o numero de lettras de cada um.

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: —Favorita—Eufemea—Palanquim —Abilio.
DA QUADRA SYLLABICA : — Pe-li-ca-no—li-vra-ri-a—ca-ri-te-na—no-a na-gor.
DA CHARADA ENIGMATICA :—Ganapão.
DO LOGOGRIPHO:—Baile.
DO ENIGMA PITTORESCO:—Nunca insulteis uma mulher que cae.
DO PROBLEMA:

A B=B C.
A G=G F.
M N parallela a D E.
O trapesio A F E D tem a mesma area que o pentagono B C D E F, e que o parallelogrammo M N D E.
E P é o lado do quadrado equivalente ao parallelogramo M N D E.

A MEMORIA DO CORAÇÃO

I

Estava uma vez um homem á beira d'uma estrada, lastimando as suas desditas e chorando a sua amargura.

Era pobre e desamparado de affectos. Não tinha mãe, nem esposa, nem filhos, nem amigos... A vida decorria-lhe n'uma tristeza profunda; desanimado, resolveu terminar com ella. Com o ultimo dinheiro que possuia, comprou uma corda e atou-a ao ramo d'uma copada carvalheira. Deu o laço fatal e preparava-se para n'elle introduzir o pescoço, quando, sem saber como, lhe apparece proximo uma velha muito velha, com um cabello branco que resplandecia como prata. As rugas que lhe sulcavam o rosto tinham um attractivo como elle nunca vira em mulher alguma, e a sua roupa scintillava d'um modo estranho, semelhando um tecido fabricado do m ais fino ouro.

—Que vaes fazer, desgraçado? interrogou ella.Em vez de pôres termo á existencia, devias só pensar em vingar-te dos que até hoje te teem despresado.

—Vingar-me? Oh! quem déra! Mas como? Só, pobre, sem auxilio nem protecções, que posso eu fazer senão inspirar riso e desprezo? Podia, é verdade, tornar-me assassino, empunhar a arma traiçoeira, mas prefiro antes a morte... Deixa-me acabar com uma vida que nada vale.

—Nada, não deixo; quero dar-te o meio de fazeres tudo que desejes... com uma condição apenas.

—Zombas de mim, ou quem és, para poder fazer uma tal proposta, tu que pareces tão pobre e desgraçada como eu?!

—Sou a fada *Egoismo*, a protectora dos solteirões, dos uzurarios, de todos aquelles que vivem pensando só em si proprios e em mais ninguem. Faço-te rico e poderoso, mas has-de jurar-me que nunca, seja sob que pretexto nem para que fim fôr, darás uma unica esmola. Se o fizeres perderás logo os meus beneficios e serás engolphado na mais horrivel miseria.

O homem cahiu-lhe jubiloso, aos pés, e fez-lhe centenas de juramentos de sempre seguir os desejos da fada, desejos que mais não eram que uma consequencia da vingança que elle devia tirar da humanidade, que até então o deixara ao desamparo.

—O ouro é o rei do mundo, disse-lhe a velha; e por isso, emquanto não esqueceres esta minha maxima, terás tanto ouro quanto desejares. Podes satisfazer todos os caprichos, excepto soccorrer um necessitado. Não te esqueças d'isto, pois do bom cumprimento da tua promessa depende a tua fortuna. Não me tornarás a vêr, salvo se faltares á fé jurada. Mas n'esse caso, treme da minha vingança...

E, semelhante a um tenue fumo que se vae elevando e adelgaçando, até que, de todo espalhado, se confunde com o proprio ar, assim a fada foi pouco a pouco desapparecendo, não sem deixar a mais pequena sombra, o mais leve vestigio. Mal a visão se tinha sumido, quiz o homem experimentar o poder que lhe fôra dado, e viu logo os bolsos cheios das mais reluzentes peças d'ouro, d'um brilho que o fascinava, obrigando-o a pular de contente. N'isto ouve ao longe o som de guisos, e vozes entoando canções alegres; eram uns almocreves que se dirigiam para o proximo povoado, com cargas de fazenda. O nosso protogonista comprou-lhes um cavallo, e, montando-o, lá seguiu, em companhia de toda aquella gente, cantando com uma satisfação e um enthusiasmo como até então não fôra visto na condição humana. Não admirava. Levava os bolsos recheiados, e ia emballado pelo voluptoso tinir do ouro...

II

O primiro cuidado do nosso heroe, installando-se na cidade, foi comprar um esplendido palacio, que mobilou com luxo exquisito. Arregimentou centenas de creados, e dentro em pouco a fama das suas festas chegou aos mais extremos confins.

O proprio monarcha d'aquelle paiz foi visital-o, e ficou assombrado ante um esplendor com que até então nunca sonhára...

Mas, ao passo que o millionario gastava rios de dinheiro em loucas phantasias, escusava um pobre de lhe bater á porta. Era logo despedido brutalmente; a bolsa do Cresus nunca se abria para mitigar a fóme fosse a quem fosse. O povo admirava-o pelo fausto, mas aborrecia-o e fugia-lhe com horror, dizendo que, quem vivia como elle, de certo tinha facto com o diabo. E o millionario, que, ao principio, absorvido nos gosos da fortuna, se ria com desprezo d'aquella gente, começou a affligir-se, por vêr o modo como era considerado, e a olhar com menos agrado para os gozos da opulencia. Lembrava-se já, com saudade, dos primeiros tempos da infancia, dos carinhos da mãe, do affecto dos amigos e do amor d'uma candida rapariga que o adorara loucamente. . E então, escondido de todos, n'um escuso recanto do seu mais modesto aposento, o protegido da fada chorava, chorava .. Um dia bateu á porta do sumptuoso palacio um velho d'aspecto attrahente e venerando. Fôra o unico que nos seus tempos desgraçados lhe mitigara muitas vezes a fome, tratando-o sempre com amor e carinho. Esse velho, que fôra rico, viase, em virtude d'um revez da sorte, e da infamia d'um amigo, de tal modo compromettido, que, se não podesse alcançar a somma de que instantemente carecia, só lhe restava o desesperado recurso de sacrificar a vida pela honra, deixando a familia na mais atroz miseria. Pequena era essa somma, e o velho atrevera-se a dirigir-se ao antigo protegido.

Mas foi despedido, como até então o tinham sido todos aquelles que imploravam a protecção do ricaço, e sahiu desesperado, amaldiçoando a ingratidão d'aquelle que outr'ora soccorrera com carinhos de pae, e que, ao ver-se poderoso e rico, lhe voltava agora cruamente as costas. Mas se o velho sahira com a alma amargurada, o millionario não ficara menos immerso em profundo desespero. Quizera soccorrel-o, bem desejos tivera d'isso, mas lembrou-se de que se o fizesse, ficaria desde logo sepultado na mais negra miseria, agora que estava affeito aos gosos da opulencia.

E a pouca alegria que lhe restava desappareceu de todo, e nunca mais, nunca mais ninguem o viu rir.

III

Ainda se lhe não tinha de todo dissipado a lembrança d'aquella scena que tanto o amargurara, quando lhe apparece a recordação dos seus mais doces sonhos da infancia, a mulher que pela vez primeira lhe fizera palpitar o coração com os suaves effluvios do amor, e que outr'ora o beijava carinhosamente nas perdidas devezas de copadas carvalheiras...

Essa creatura recordava-lhe tudo quanto havia de feliz na infancia...

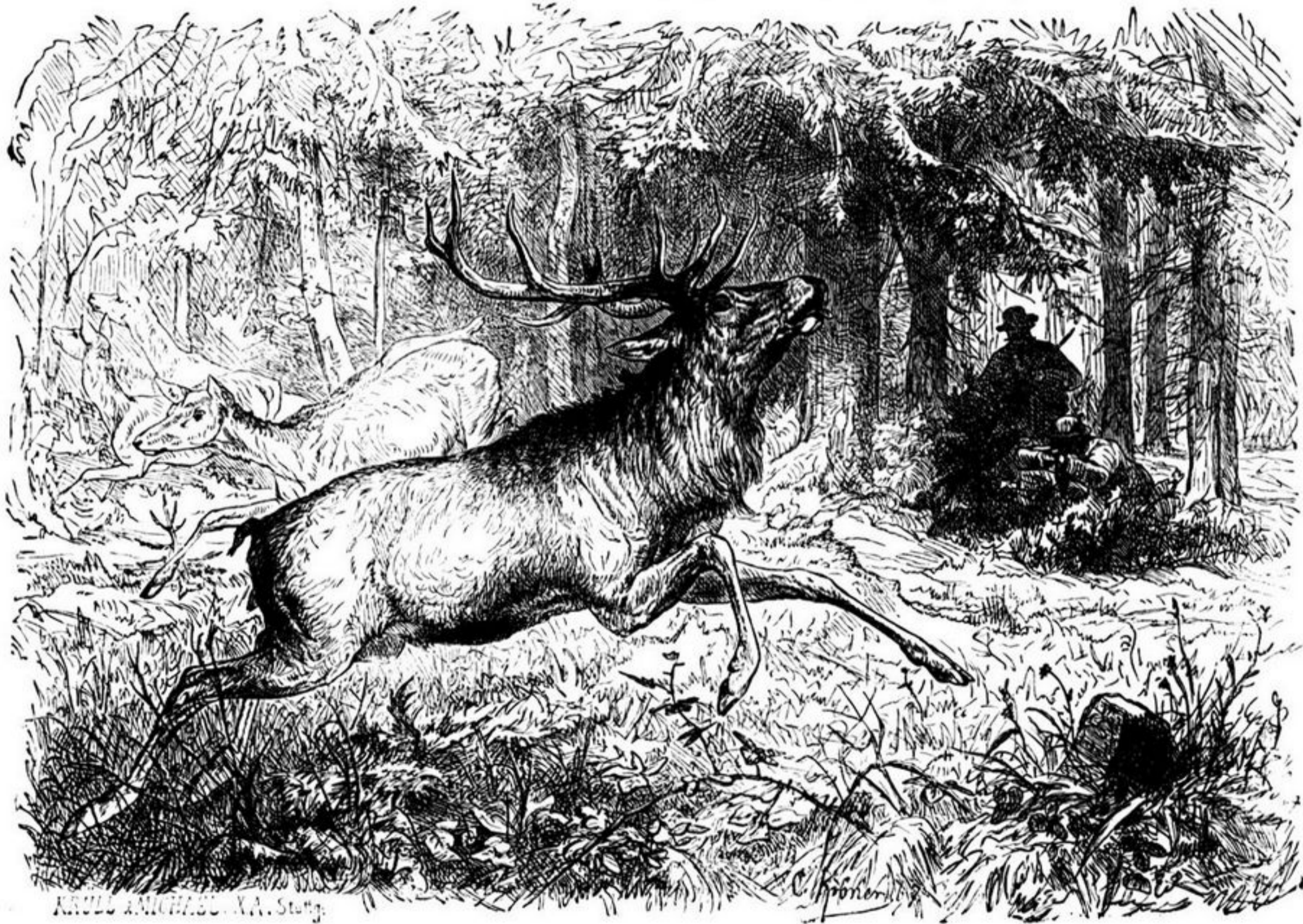
A vontade cruel d'um pae, contra a qual a timida creança não podera resistir, separou-a dos braços do homem que amava, obrigando-a a desposar um velho repellente, que lhe inspirava medo e horror. Mas, como elle se recordava ainda da ultima vez que estiveram juntos, em que ella, pobre victima sem forças para resistir ao algoz, lhe jurava que só a elle estremecia, e que estava prompta a todos os sacrificios, a todos os martyrios...

Então, deixando-a febril, doido, fugira allucinado, e desde esse momento é que datava a sua vida miseravel e errante...

Essa mulher, rolando de miseria em miseria, sem pae nem marido, e amando-o, talvez, como sempre o amara, vinha-lhe implorar pão, não para ella que de si ha muito se acostumara a esquecer, mas para os seus filhos, que em casa estavam morrendo de frio e de fome.

E elle, que anciava por estreital-a nos braços, que á sua vista se recordava do tempo da infancia, quando ella era a sua fada consoladora e amiga, teve de lhe voltar as costas e de ordenar aos criados que a expulsassem do palacio!...

IV

E a vida então tornou-se-lhe intoleravel. Fundos remorsos tiravam-lhe o somno. De noite só via as desoladas figuras de mendigos ameançando-o rancorosamente.

A CAÇA AOS VEADOS

O corpo cobria-se-lhe de suores frios; tremuras incessantes sacudiam-n'o como o fragil vime batido pelo furacão; e o desgraçado levantava-se para vaguear, allucinado, pelas salas desertas do seu maravilhoso palacio.

Mas cada vez se sentia mais aferrado ao dinheiro, sem ter forças para prescindir da opulencia a que estava já tão affeito. Uma tarde, porém, atravessando um caminho, viu uma velhinha esqualida, cheia de fome, que profundamente o commoveu, e que, em voz enfraquecida pelas privações, lhe pediu uma esmola *por alma de sua mãe*. Essa velha era a perfeita imagem d'aquella que lhe déra o sêr, tal qual a tinha fielmente gravada no espirito, com a dupla aureola do affecto e do martyrio.

Parecia-lhe estar n'aquelle momento sob o influxo do santo olhar materno, n'aquella casta atmosphera de carinhos que lhe embalaram os primeiros annos...

E elle, que permanecera insensivel á voz da gratidão e do amor, tirou do bolso e despejou no regaço da pobresita a sua ultima mão cheia d'ouro, violando todos os juramentos, sacrificando-se a todas as miserias, á simples invocação do santo nome da mãe que o creára...

Porto, 1885. EDUARDO SEQUEIRA.

UM CONSELHO POR SEMANA

LIMPEZA E BRANQUEAMENTO DAS TELAS DE LA[illegible]

Toma-se sabão e dissolve-se n'um litro de agua; depois junta-se-lhe uma colher de farinha, poe-se tudo ao fogo e mexe-se, até resultar una massa homogenea. Quando estiver fervendo a mistura introduz-se a tela, esfrega-se e lava-se como de ordinario aclarando-a depois com agua.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso.............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA